In: Revista *Estudos Linguísticos/ Linguistic Studies*, Dezembro de 2009. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

A Língua Portuguesa em Timor: De que forma deve o ensino de Português adaptar-se às diferentes realidades nacionais?[1]

Hanna J. Batoréo
(Universidade Aberta, Lisboa)

ABSTRACT: Present sociolinguistic situation of East Timor can be seen as a form of poliglossia (Thomaz 2002, Batoréo 2007) where different languages, belonging to different linguistic families – Austronesian (e.g. Tetun and other local languages, as well as Indonesian), Papuan (Fataluku, Makasai, Bunak and Makalero) and Indo-European (Portuguese and English) – and staying in permanent language contact play roles of different linguistic varieties.
At the moment, European Portuguese (EP) is estimated to be spoken by no more than five per cent of the total population (cf. Castro 2004), being more common in the over-forty Timorese population (cf. Batoréo 2005 and following studies).
Our present study focuses some specificities of the usage of Portuguese by Timorese multilingual speakers, questions the type of L2 Portuguese education provided in Timor and postulates its adaptation to the Timorese specific sociolinguistic situation.

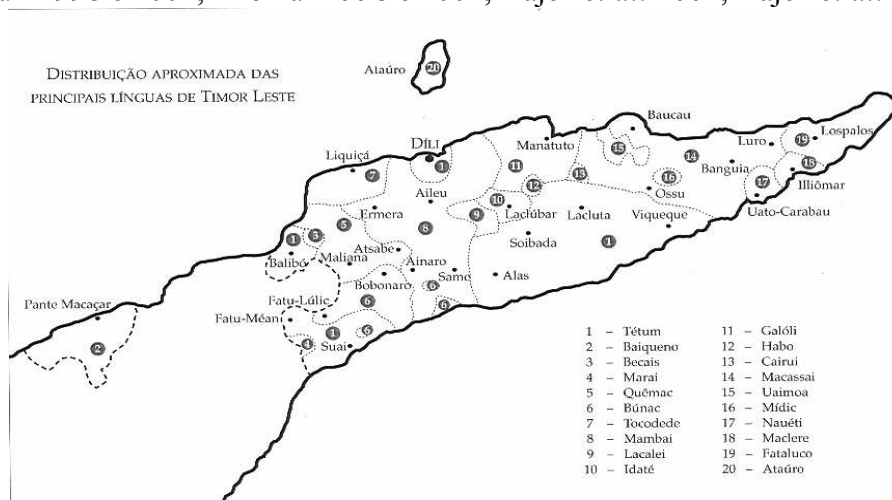
KEYWORDS: Portuguese L2, Portuguese linguistic variety, Timorese linguistic situation, linguistic diversity, importance of L1 in L2 language acquisition.

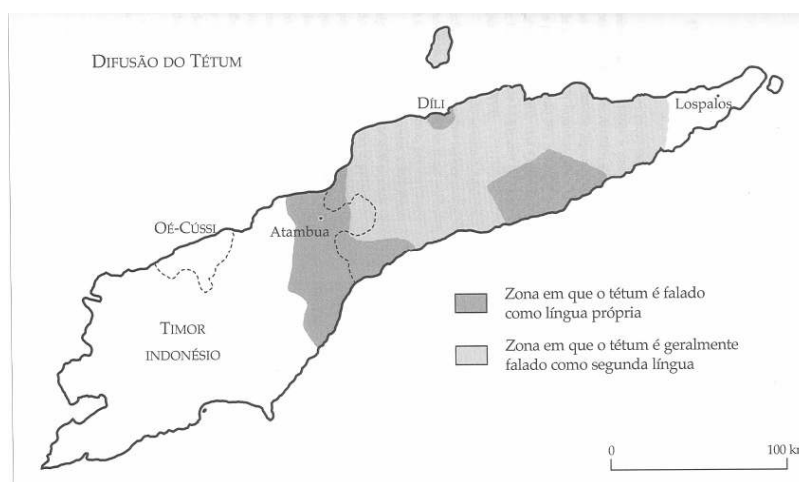
1. A realidade linguística timorense: o enquadramento poliglóssico

A Língua Portuguesa, uma das duas línguas oficiais de Timor independente, é falada por apenas cerca de 5% dos timorenses, num enquadramento linguístico extremamente diversificado. Timor é o único estado dos oito membros da Comunidade dos Países da Língua Oficial Portuguesa que desde a sua independência, em 2002, adoptou duas línguas oficiais garantidas pela constituição: a língua nacional, o Tétum, e a língua do seu antigo colonizador de 450 anos, o Português. Estas duas línguas oficiais de um pequeno país de cerca de oitocentos mil habitantes constituem apenas uma ponta do icebergue da situação linguística nele reinante.

A adopção do Tétum como uma das línguas oficiais não significa que se trate da única língua local, nem sequer que seja esta a mais falada por todo o povo timorense. Do ponto de vista linguístico, segundo o *Ethnologue* (Lewis 2009), existem em Timor Leste 20 línguas locais: *"the number of languages listed for Timor Lorosae is 20. Of these, 19 are living languages and 1 is extinct"*. Este número, no entanto, varia segundo diferentes fontes, em função do critério que se utiliza para distinguir as línguas dos dialectos: Hull (2004) aponta apenas para 16 línguas indígenas – doze das quais de origem austronésia e quatro aparentadas

[1] A primeira versão deste texto foi apresentada no *Encontro sobre Português como Língua não Materna,* Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa: FLUL, 11 e 12 de Abril de 2008. Ao avaliador anónimo da *Revista dos Estudos Linguísticos/ Linguistic Studies* agradeço os comentários e as correcções relativos à primeira versão do presente texto.

com as da família papua – que, por sua vez, se desdobram em mais variantes e dialectos, enquanto Thomaz (2002) fala, até, em cerca de trinta línguas locais em Timor Leste (Mapa 1) (cf. Hull 1998 e 2004, Thomaz 1998 e 2002, Hajek *et al.* 2002, Hajek *et al.* 2003).

Mapa 1. **Timor – Distribuição das línguas locais** (Thomaz 2002: 171

Uma destas línguas nativas – o Tétum – tornou-se a língua franca (Tétum-Praça) de quase toda a população (com a excepção do território leste de Lospalos), razão pela qual acedeu ao estatuto de uma das línguas oficiais (cf. Mapa 2).

Mapa 2. Difusão do Tétum (Thomaz 2002: 171)

Observe-se, no entanto, que a grande diversidade linguística verificada em Timor não constitui um caso isolado no contexto geo-linguístico em que o país se encontra. Considera-se que a área ocupada pelas ilhas da Malásia e da Indonésia é representativa da maior diversidade linguística do mundo, onde o número aproximado de um décimo das línguas mundialmente conhecidas é falado por apenas um por cento da população mundial (cf. Atlas 2002). Esta população que ultrapassa os seis biliões de falantes usa entre seis mil e sete mil línguas vivas, 96% das quais são faladas apenas por, aproximadamente, 4% da população mundial (cf. Lewis 2009).

A diversidade linguística em Timor transparece, igualmente, ao nível dos grupos étnicos: um único grupo pode actualmente falar até cinco línguas diferentes, enquanto uma mesma língua pode constituir a forma de expressão de vários grupos (Atlas 2002: 42). E mais

ainda: a diversidade pode ser observada a nível da própria família, em que cada um dos pais pode ser falante nativo de uma língua materna diferente, utilizando uma terceira língua – frequentemente o Tétum – como língua veicular, tal como testemunha o seguinte depoimento:

> "*Tenho como língua materna o tétum, embora o meu pai tivesse como língua de nascença o mambae, a língua falada pelo maior número de habitantes de Timor-leste em 74 e, pelo lado da mãe o laclei, hoje em vias de extinção. Julgo que a opção feita pelos meus pais teria sido em conformidade com um espírito de total pragmatismo. Falando tétum, a língua comum, eu teria acesso a oportunidades que não teria se a opção tivesse sido pelas respectivas línguas maternas*." (Noronha, 2000:181) [sublinhados nossos].

Os 24 anos da ocupação indonésia trouxeram para Timor o Malaio Indonésio (conhecido como *Bahasa*), imposto pelo regime de Jacarta, que proibia o uso do Português (ver exemplos abaixo). Assim, existe toda uma geração na casa dos vinte – trinta anos que nasceu no tempo indonésio e só sabe *Bahasa*. Pelo contrário, o Português é principalmente falado pelos mais velhos (a partir da casa dos quarenta – cinquenta anos) que tiveram a oportunidade de serem escolarizados ainda no sistema colonial português, no qual a Língua Portuguesa era ensinada na qualidade de língua materna, sendo proibido o uso dos idiomas locais. Por ter penetrado na Ásia pela acção colonial, bem como pela influência dos comerciantes e da acção missionária, a Língua Portuguesa constituiu, sobretudo, o instrumento administrativo, religioso e cultural, bem como a língua de resistência contra a invasão indonésia (cf. exemplos 1, 2 e 3 do *Corpus* Batoréo 2006[2]).

Exemplo 1.

> "*A língua oficial em Timor Loro-Sae é a língua portuguesa.
> O maior problema em que encontrei durante a invasão indonésia, proibiram para não falar essa língua. Por isso durante esta temporada não falei português, devido à falta de livros e de convivência*" (LP 19)

Exemplo 2.

> "*Assim no tempo da Indonésia é proibido falar português mas nós acompanhávamos a ler sempre os jornais e cruzadas e também quando encontramos com umas colegas sempre queremos falar com outros, por isso até agora ainda não esquecemos."* (SF-T08FP).

Exemplo 3

> "*Quanto ao meu marido foi funcionário público no tempo da ocupação indonésia. Nunca sentiu feliz com o emprego porque foi sempre perseguido pelos militares e pides indonésios porque sabiam que ele foi um dos comandantes das Falintil à partir do ano 1975 à 1979. Durante esses tempos ocorridos, não o conseguiram capturar, mas em 1992, capturaram-lhe quando o fez a foto cópia de documentos escritos em Língua portuguesa para os mandar aos lideres que estavam*

[2] Todas as características originais dos textos aqui citados (características morfossintácticas, ortográficas, lexicais e discursivas) foram mantidas. O *Corpus Batoréo 2006* é constituído por um conjunto de narrativas provocadas e livres escritas em Português, produzidas por 30 falantes adultos multilingues timorenses, homens e mulheres, com mais de quarenta anos de idade, residentes em Díli e professores de Português (Cf. Batoréo 2005, 2006 e 2007).

na montanha. Foi detido durante quarenta dias na prisão dos inteligentes (pides) indonésios. (...) Depois dos quarenta dias libertaram-lhe. Á partir daí, ele deixou de trabalhar porque ficou doentio sempre e sempre. Ele foi um monitor escolar antes da ocupação indonésia, mas agora ele já não quer ensinar porque já é velho." (SF-T19FP)

Segundo estudiosos da área, o Português goza de uma forte carga simbólica de uma grande afectividade, rara noutros países em relação a uma antiga língua colonial, constituindo "*cimento aglutinador da identidade cultural entre os povos do Timor Oriental*" (Thomaz, 1998: 648) e "*cordão umbilical que articula as culturas locais*" (Thomaz 2002: 140).
Nas palavras do próprio presidente de Timor:

> "*A língua portuguesa é fundamental para a nossa identidade. O próprio tétum, para se desenvolver, precisa do português. Alimenta-se dele.*" (Moura 2007: 2).

Além das duas antigas línguas coloniais, também o Inglês, a língua do poderoso vizinho australiano, é utilizada em Timor; o Inglês e o Malaio Indonésio são reconhecidos pela constituição como idiomas de trabalho (secção 159 da Constituição de 2002). Além disso, existem no território timorense algumas línguas de minorias étnicas, das quais se destaca a comunidade chinesa com o Mandarim, o Cantonês e o Hakka.

A Constituição de Timor-Leste – e particularmente a sua secção 13 – bem como os documentos governamentais posteriores (p. ex. nº 1/2004 de 14 de Abril) são muito claros quanto ao estatuto privilegiado concedido no país às línguas oficias (Português e Tétum) em contraste com o papel secundário desempenhado pelas línguas de trabalho (Indonésio e Inglês). Segundo esta legislação, as outras línguas nacionais além do Tétum devem ser objecto de valorização e desenvolvimento, bem como preservação e protecção pelas autoridades oficias, representadas oficialmente pelo Instituto Nacional de Linguística.

A diversidade linguística observada em Timor tem, na prática, poder avassalador e muito concreto no dia-a-dia timorense: a conta da luz vem em Inglês, o formulário para o livrete de carro em Tétum, os comunicados do governo em Português e a informação policial em Indonésio, enquanto a comunicação social utiliza tanto a língua veicular e as línguas oficiais como as do trabalho (cf. Sampaio, 2003). No entanto, esta diversidade linguística ultrapassa largamente um simples quadro multilingue em que diversos idiomas entram em contacto uns com os outros. Cada uma destas línguas veicula poder, um poder diferente do ponto de vista geopolítico, administrativo, cultural, religioso, etc., construindo um complexo sistema poliglóssico (cf. Thomaz 2002: 141 e Batoréo 2007 e 2010).

No plano interno, o sistema organiza-se em três níveis de integração:

- nível das línguas locais: línguas étnicas timorenses e línguas das minorias,
- nível da língua veicular/ língua franca: Tétum Praça,
- nível das línguas de administração e de cultura: línguas oficiais (Tétum e Português) e línguas de trabalho (Inglês e Malaio Indonésio) garantidas pela Constituição da República Democrática de Timor-Leste (2002).

2. Conhecer a realidade de Timor em Portugal

Pouco ou nada se sabe da actualidade timorense em Portugal por existir, tradicionalmente, pouco conhecimento nesta matéria, permitindo que alguns erros tenham

feito carreira e tendam a assumir, à força de muitas vezes repetidos, foros de verdade incontroversa (Thomaz 2002: 23). Infelizmente, depois da independência, esta situação não sofreu grandes alterações. Os estudiosos que a conhecem acusam muitos portugueses em Timor, incluindo alguns professores, de terem uma visão eurocêntrica da realidade linguística local e de agirem como se a Língua Portuguesa fosse a panaceia capaz de resolver todas as dificuldades do país (cf. Esperança 2007). O facto de os portugueses desconhecerem as línguas timorenses e até o próprio fenómeno da diversidade linguística e étnica é considerado um dos pontos fulcrais desta situação. Tal como ilustrado, entre outros, por Esperança (2007), é muito frequente os professores de Português destacadas por alguns meses em Timor voltarem deslumbrados com a beleza exótica da paisagem, com a diversidade étnica do povo e com os aspectos afectivos que levaram os timorenses a escolher a antiga língua colonial como uma das duas línguas oficiais do recém-formado país independente. Não trazem, no entanto, o que se espera de alguém que trabalhou lá meses formando os formadores e os professores de Língua Portuguesa locais: a informação pertinente para construir uma imagem real e actualizada das necessidades educativas e linguísticas do povo com muitas carências e dificuldades.

Quem sabe, por exemplo, que o professor timorense de Língua Portuguesa médio que ainda aprendeu o Português nos tempos coloniais como língua materna e que passou um quarto do século de clandestinidade e repressões linguísticas e culturais da invasão indonésia, hoje em dia tem cerca de cinquenta anos, vive numa família tradicional numerosa de várias gerações, com uma média de cinco a sete filhos e respectivos netos, sustentando a família – para além do professorado – com uma pequena actividade hortícola (ou uma pequena empresa de nível familiar) e pastoreio de búfalos? Este professor trabalha muito, tem grande força de carácter e dedicação, muita motivação e vontade, mas não dispõe de bases científicas, culturais ou educativas, nem sequer de recursos para exercer as suas funções profissionais de um modo criativo e independente. Vive num país predominantemente rural, pobre, com corrupção, sem recursos e com tecnologia arcaica, sem garantias de emprego. Vive numa democracia recém-instituída e muito frágil num enquadramento geopolítico internacional com tensões entre grandes potências. Apesar de se tratar de representante da classe profissional que melhor domina o Português no país e que o transmite aos outros, tanto alunos como outros professores seus formandos, o seu desempenho linguístico apresenta vários problemas (cf. os exemplos atrás citados e o exemplo 4, a seguir[3]) a nível morfossintáctico, lexical, discursivo e ortográfico, que precisam de ser devidamente trabalhados[4].

Exemplo 4.

"*Quais são os seus problemas da Língua Portuguesa é que tem?*

Os meus problemas a relação da língua Portuguesa é que tenho, em primeiro lugar só quero dizer que tenho menos curso de língua Portuguesa. Depois de conseguir de tirar a 4ª classe em 1974, um ano depois iniciado a situação da guerra que prolongou durante 24 anos a comunicação em Português foi esquecida naquele momento porque a língua oficial é que usamos é a língua Indonésia.

Para iniciar outra vez a comunicação em Língua Portuguesa neste momento, embora já três anos seguimos o curso, más ainda tenho alguns problemas ou dificuldades de melhorar o Português cujo identificado abaixo:

---

[3] Comparar a nota 1, acima.

[4] Além disso, apresentam especificidades que poderão ser explicadas pela influência de Tétum ou outras línguas locais (cf. Batoréo 2009) e/ ou pela interferência do Indonésio, língua de forte imposição formal, alfabetização e instrução obrigatórias, ao longo de quase um quarto de século (agradeço a Aurora Donzelli a chamada da atenção para esta problemática).

1. *Ainda tenho menos conhecimento com as regras básicas da lingua Portuguesa.*
2. *Ainda tenho menos conhecimento das composições morfológicas e sintaxes.*
3. *Ainda tenho menos de comunicação oral e escrita.*

Sugestões:
1. *Só quero sugerir para os professores da formação do curso no próximo, especialmente para os principiantes de iniciação precisa mais de aprofundar as regras básicas de Língua e activar os participantes na comunicação.*
2. *Para os participantes do desenvolvimento que já tem conhecimento com as regras de gramática más há muitos que tem falta da comunicação em prática, dentro do curso sugero para além de dar exercícios escritos, precisamos a comunicação oral de cada um, entre participante e profesor ou entre grupo e professores.*
3. *Preciso de correcção direitamente do professor para corrigir as faltas atnto em escrito e também em oral.*"

Incompreensivelmente para os críticos (cf. ESPERANÇA 2007), no ensino administrado aos timorenses espera-se que os aprendentes adquiram proficiência na Língua Portuguesa com materiais preparados apenas na língua-alvo, frequentemente transferidos directamente de Portugal (do ensino da língua materna). Argumentam que, embora haja teorias que defendam este tipo de práticas para o ensino da língua segunda e estrangeira, a qualidade deste processo depende de muitos parâmetros tais como, por exemplo, o grau de domínio do idioma pelo aprendente, as diferenças cognitivas, culturais e sócio-económicas entre as duas realidades linguísticas, a situação sócio-económica do próprio aprendente, assim como a falta de conhecimentos metalinguísticos básicos não adquiridos devido ao nível do sistema de ensino existente no país. Os críticos apontam frustração, desmotivação e abandono escolar como resultados directos deste tipo de política. Em relação às gerações mais novas, que foram escolarizadas em Indonésio, indica-se, também, como possível lacuna a não instrumentalização desta língua no ensino do Português (cf. ESPERANÇA 2007).

Pouco ou nada se sabe sobre o Português que se fala hoje em dia em Timor, conforme referido acima, embora recentemente tenham surgido, na área, alguns estudos linguísticos e didácticos mais aprofundados (cf. Santos 2009 e Soares 2009). Os cinco por cento dos timorenses que utilizam a Língua Portuguesa (quase) correntemente pertencem predominantemente a uma geração da meia-idade ou mais velha, com importância histórica na formação do Timor independente e, neste momento, responsável pela educação e formação local em Língua Portuguesa. Mas qual é o futuro do Português, língua de escolarização diferente da(s) língua(s) nativa(s) de quase toda a população? Na Universidade de Díli, a investigação linguística vai no sentido de aprofundamento do conhecimento do Tétum e doutras línguas locais, enquanto em Portugal faltam projectos de investigação sobre a variante do Português falada em Timor. Será que o futuro do Português em Timor irá no sentido de crioulização, tal como preconiza, pragmaticamente, o presidente de Timor-Leste, falando da fusão das duas línguas:

> "*O português vai vencer em Timor, mas os portugueses terão de compreender que será uma língua muito diferente da que falam. Será um português timorense. O «tetuguês»*". (cf. MOURA 2007: 3)

3. Adaptar o ensino de Português à realidade nacional/ às realidades nacionais de Timor

Ensinar Português em Timor de um modo sustentável exige, fundamentalmente, um bom conhecimento do terreno por parte do parceiro português, bem como a disponibilização e

organização de quadros e de recursos adequados, a fim de corresponder à especificidade local – linguística, educacional, social, cultural, etc. – e de satisfazer as necessidades concretas do público-alvo.

Antes de mais exige dos agentes de educação oficiais um bom conhecimento (pelo menos passivo) das características linguísticas dos idiomas falados localmente, que pertencem às famílias linguísticas muito distintas do ponto de vista tipológico do Português e das outras línguas conhecidas, faladas e estudadas tradicionalmente na Europa. A ordem das palavras, o emprego dos tempos verbais, a ausência dos artigos, a forma disjuntiva de construir perguntas, a resposta a perguntas na negativa, as conceptualizações diferentes no funcionamento do sistema quini-decimal, a utilização de empréstimos lexicais de Indonésio no vocabulário técnico são apenas alguns dos fenómenos linguísticos que o professor do Português tem que ser preparado para enfrentar se pretende que o seu trabalho seja bem sucedido (cf. Batoréo 2007).

Os timorenses falantes de Português apresentam certas características específicas do ponto de vista linguístico por viver num enquadramento poliglóssico complexo, com várias línguas locais e uma língua veicular transnacional – que são faladas como línguas maternas por esta população –, mas cuja alfabetização e educação em geral são efectuadas numa antiga língua colonial, afectivamente adoptada como uma das duas línguas oficias da recém-formada democracia, num contexto de concorrência linguística dos idiomas de outras potências no enquadramento geopolítico vigente.

Da parte de Portugal, ensinar a Língua Portuguesa, no contexto acima traçado, exige a adopção de uma atitude prática e simultaneamente técnica:

- a disponibilização de professores adequadamente preparados e treinados a nível de Português língua não-materna, cientes dos desafios e das diferenças que o ensino/ aprendizagem da L1 e L2 trazem tanto aos alunos como aos professores;
- bom conhecimento da complexidade da situação cultural timorense pelos professores disponibilizados;
- bom conhecimento da complexidade da situação linguística e sociolinguística timorense com foco específico para a necessidade de conhecimento pelo menos passivo de Tétum e/ou outra(s) língua(s) local(is);
- bom conhecimento da identidade linguística e da identidade nacional timorense (cf. Magalhães 2007, Taylor-Leech 2008; Thomaz *et al.* 2008; Batoréo e Casadinho 2009);
- a elaboração de materiais específicos propositadamente preparados para o efeito e para diferentes níveis do ensino, enquadrados na realidade cultural e linguística timorense;
- a organização e formação dos quadros locais com base nos recursos específicos existentes, devidamente preparados do ponto de vista linguístico e didáctico.

Tal como acontece já noutros países da CPLP, nos projectos levados a cabo por exemplo em Cabo Verde (onde existem propostas de alfabetização em crioulo caboverdiano) precisa-se de uma política específica e coordenada, cientificamente bem documentada e elaborada, que pode passar, por exemplo, por período de alfabetização prévia numa das línguas locais ou na língua veicular.

É só cumprindo as exigências acima referidas que se consegue dar cumprimento de facto ao que está garantido na "Cooperação Portuguesa no Limiar do séc. XXI":

"*Portugal está agora em condições de reconstruir, com renovado sentido estratégico, a teia de relações seculares que sucessivas gerações de portugueses foram tecendo, ao longo dos séculos, por esse mundo fora e que constituem um património extraordinário*." (Araújo 2001: 1).

Bibliografia

Araújo, Alberto 2001. "O Futuro da Cooperação Cultural Luso-Timorense", Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa,

AAVV. 2002. *Atlas de Timor Leste*, Faculdade de Arquitectura – Universidade Técnica de Lisboa, GERTIL – Grupo de Estudos de Reconstrução de Timor Leste, Lisboa, Porto, Coimbra: Lidel, [Atlas 2002]

Batoréo, Hanna Jakubowicz 2005. "Conceptual-Affective Patterns in Narrative Discourse: a Window on Universal and Language Particular Learning Mechanisms?"in: Bokus, B. (ed.) *Studies in the Psychology of Child Language - Papers in Honour of G.W. Shugar,* Warszawa: Matrix, 329-346.

Batoréo, Hanna Jakubowicz 2006. "Expressão de Emoções e Discurso: Aspectos de Estratégias Linguísticas de Avaliação em Narrativas Produzidas por Falantes Não Nativos do Português Europeu", in: *Textos seleccionados do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL, 219-230.

Batoréo, Hanna Jakubowicz 2007a. "Enquadramento Cognitivo para a Estrutura Narrativa: uma Proposta de Olhar para a Narrativa a partir da Perspectiva da Linguística Cognitiva de Leonard Talmy" in: *Veredas* (Revista da Universidade Federal de Juiz de Fora), Juiz de Fora, Brasil: Editora da UFRJ, V. 10, nº 01 e 02 – Jan/Dez 2006, 21-32. ISSN 1415-2533 →
http://www.revistaveredas,ufjf.br/volumes/veredas_portugal/artigo02.pdf

Batoréo, Hanna Jakubowicz 2007b. "Ensinar Português no Enquadramento Poliglóssico de Timor-Leste" in: *Língua Portuguesa: Identidade, Difusão e Variabilidade*, Rio de Janeiro: UFRJ. a publicar em: *Palavras*, Lisboa: Associação de Professores de Português, Primavera de 2010.

Batoréo, Hanna Jakubowicz 2009. "Funções do Marcador *'já'* no Português de Timor: Importância do Conhecimento Linguístico da(s) Línguas(s) Materna(s) dos Aprendentes do Português L2 no Processos da Aquisição/Aprendizagem da Língua Não-Materna", apresentado no *XXV Encontro da APL*, Lisboa: FLUL, Outubro 2009.

Batoréo, Hanna Jakubowicz e Margarida Casadinho 2009. "O Português – uma Língua Pluricêntrica: O Caso de Timor-Leste", *Revista Portuguesa de Humanidades, Estudos Linguísticos*, 13 – 1, Braga: Universidade Católica Portuguesa, 63-79.

Constitution of the Democratic Republic of East Timor, 2002 →
http://www.etan.org/etanpdf/pdf2/constfnen.pdf

Esperança, João Paulo 2007. "Ensinar Português em Timor", →
http://timor2006.blogspot.com/2007/06/ensinar-portugues-em-timor.html (acedido em Setembro de 2007).

Hajek, John; Catharina Williams-van Klinken and Rachel Nordlinger 2002. *Tetun Dili: a Grammar of an East Timorese Language*. Canberra: Pacific Linguistics.

Hajek, John; Nikolaus Himelmmeman and John Bowden 2003. "Lóvaia: an East Timorese Language on the Verge of Extinction", in *International Journal of the Sociology of Language*, 155-167.

Hull, Geoffrey 1998. "The Languages of Timor 1772-1997: a Literature Review", in *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, 1, 1 –38.

Hull, Geoffrey 2004. "The Languages of East Timor. Some Basic Facts". → http://www.asianlang.mq.edu.au/INL/langs.htm (acedido em Setembro de 2007).

Lewis, M. Paul (ed.) 2009. *Ethnologue: Languages of the World*, Sixteenth edition, Dallas, Tex. : SIL International → http://www.ethnologue.com

Magalhães, António Barbedo de (em colaboração com Liem Soei Liong e David Scott) 2007. *Timor-Leste. Interesses Internacionais e Actores Locais*. 3 volumes. Lisboa: Edições Afrontamento.

Moura, Paulo 2007. Português, tétum ou 'tetuguês', *Público*, 07.05.07.

Noronha, Luís Cardoso de, 2001. A Questão Linguística Timorense, In: *Timor: um País para o Séc. XXI*, Instituto de Altos Estudos Militares. Universidade Católica Portuguesa. Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expansão Portuguesa, Lisboa: Atena, pp. 179-181.

Português falado em Timor → http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/Portugues_Falado/Timor.zip (acedido em Setembro de 2007).

Santos, Ana Sofia Rodrigues dos 2009. *O Ensino da Língua Portuguesa em Timor-Leste: o Método Português em Timor e a Importância do Tétum (L1) na Aquisição do Português (L2),* Dissertação de Mestrado em *Ensino do Português como L2 e LE*, FCHS, Universidade Nova de Lisboa.

Soares, Lúcia Vidal 2009a. "Ensino/ Aprendizagem do Português no Contexto plurilingue de Timor-Leste: Rola ou *Lakateu*? Rola e *Lakateu*!", Comunicação apresentada no II Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, Universidade de Évora, 6 a 11 Outubro 2009.

Soares, Lúcia Vidal 2009b. "«*Haverá Horta na Horta*?» Metodologias e Materiais para o Ensino do Português como Língua Não Materna", comunicação apresentada no Seminário Metodologias e Materiais para o Ensino do Português como Língua Não Materna (PLNM), ILTEC e APP, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 29 e 30 de Outubro de 2009.

Sampaio, António 2003. 'Dislexia' Linguística. In: *Expresso*, 29 de Novembro de 2003.

Taylor-Leech, Kerry 2008. "Language and identity in East Timor: The discourses of nation-building", in *Language Problems and Language Planning* 32(2), 153-179.

Thomaz, Luís Filipe1998. *De Ceuta a Timor*, 2ª Edição, Lisboa: Difel.

Thomaz, Luís Filipe 2002. *Babel Loro Sa'e. O Problema Linguístico de Timor-Leste*, Colecção Cadernos Camões, Lisboa: Instituto Camões.

Thomaz, Luís Filipe; António Barbedo de Magalhães e Alberto Araújo 2008. *Mesa redonda: Crise Política em Timor*, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 29 de Março de 2008.